

A Prática da Professora e a Construção das Identidades de Gênero em Escola da Rede Municipal de Aracaju*

Carla Rezende Gomes

Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão SE, Brasil

rezendecarla@hotmail.com

(Recebido em 30 de janeiro de 2007; aceito em 28 de setembro de 2007)

O estudo se propõe a analisar a prática pedagógica da professora do ensino fundamental da 1^a. a 4^a. série no processo de construção das identidades de gênero em seus alunos na rede municipal de ensino de Aracaju. A pesquisa qualitativa é realizada por meio do Estudo de Multicasos (BAGDAN apud TRIVINOS, 1990) Foram privilegiados para a coleta de dados: observação participante e entrevistas semi-estruturadas. O universo da pesquisa é composto por 4 professoras. Inicialmente serão realizados três turnos de observação de quatro horas cada, totalizando doze horas de observação participante em sala de aula para cada docente. O estudo acontece numa unidade de ensino do município de Aracaju. A unidade possui 1207 alunos matriculados sendo 425 deles distribuídos em 14 turmas de 1^a. a 4^a serie no turno da manhã.

Palavras-chave: educação, gênero, identidade, prática pedagógica, cultura

This study analyzes the pedagogic practice from teacher of the basic education building from the identities of gender in yours followers on net municipal schools of Aracaju. The search qualitative is realized using the multi cases study (BAGDAN apud TRIVINOS, 1990). It Has been privileged for collection of data: observation participant & interviews semi - structure. The research was made with four schoolteachers. Initially will be realized three shifts of observation of four hours each, totaling twelve hours of observation participant in classroom for each instructing. The study was made in the EMEF Joseph Conrado de Araújo school. This school maid in 1968, located into the São Conrado District. The unity has 1207 children, being 425 distributed in 14 groups from morning.

Keywords: professional education; Aracaju

1. INTRODUÇÃO

A grande mudança sócio-política ocorrida no século XX em relação à identidade feminina, tem levado inúmeras mulheres a conquistarem espaços antes considerados masculinos. Em vários países, postos de chefia, comando de nações, são cada vez mais ocupados por mulheres. Cresce o número de mulheres chefes de suas próprias famílias e principalmente mantenedoras da casa. Entretanto, ainda persistem preconceitos de várias ordens, discriminações, desigualdades e o “machismo” ainda é uma atitude vigente em nossa sociedade.

Atualmente a temática de gênero ganha destaque nas ciências sociais, pois nos coloca diante de um novo paradigma onde são revertidos todos os padrões de dominação e assimetria entre grupos socialmente discriminados. São estudos que desvelam as relações sociais. Para Joan Scott, (1990) a essência da definição de gênero baseia-se na conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Partindo desse pressuposto, Moita (2003) conclui que estudos de gênero sugerem que as informações a respeito das mulheres são necessariamente informações sobre homens, de modo que o estudo de um implica o estudo de outro.

Recorrendo a uma reflexão histórica percebemos que até a bem pouco tempo o papel feminino em nossa sociedade limitava-se ao de dona de casa e mãe, não sendo possível à maioria das mulheres alçar vôos para além dessa realidade.

Só para exemplificar damos o exemplo citado por RIBEIRO ocorrido em Portugal no século XVI:

Sendo um alfabetizador, Trancoso foi procurado certa vez por uma dama da sociedade portuguesa que lhe pedia que a ensinasse a ler, já que suas vizinhas liam o livro de rezas na missa e ela não. Respondeu-lhe o poeta que como ela não tinha aprendido na casa dos pais durante a infância, e agora já passava dos 20 anos de idade, deveria contentar-se com as contas do rosário de orações. No entanto ele enviava-lhe um abecedário moral, em que cada letra do alfabeto continha implícito o padrão de comportamento desejado na sociedade seiscentista. Por exemplo, a letra A significava que a mulher deveria ser amiga de sua casa, H humilde a seu marido, M mansa, Q quieta, R regrada, S sisuda, entre outros. Encerrava dizendo que se ela cumprisse esse abecedário saberia mais do que aquelas senhoras que liam livros religiosos. Essa era, portanto, a mentalidade da época sobre a instrução feminina em Portugal, e que foi amplamente difundida no Brasil. (RIBEIRO, 2000, p. 79-78).

Isto aconteceu durante séculos e, por incrível que pareça, atualmente ainda permanecem resquícios desse modo de pensar.

No decorrer de todo o século XX presenciamos a mudança do papel feminino de esposa e mãe apenas, para o de esposa, mãe e trabalhadora (em alguns casos ela tem ficado apenas com o de trabalhadora) que busca ascensão em sua carreira e tem alcançado cargos cada vez mais altos, chegando, por vezes, a ser chefes de nações, como hoje acontece na Alemanha e no Chile, países tradicionalmente machistas onde, até bem pouco tempo atrás, pareceria piada se disséssemos que seriam governados por uma mulher. Vemos hoje o Império Americano deixando suas questões militares e diplomáticas nas mãos de Condoleezza Rice, que além de mulher é negra. No Brasil nossa maior capital, São Paulo, já foi governada em duas ocasiões por mulheres, pela Assistente Social e ex-deputada Luiza Erundina e pela Psicóloga e ex-deputada Marta Suplicy, o Estado do Maranhão foi governado duas vezes por Roseana Sarney e contamos ainda com centenas de vereadoras, prefeitas, deputadas, senadoras e ministras de Estado que não deixam nada a desejar ao desempenho masculino. Em todos os sentidos...

Sabemos que é no campo da educação que se constroem e se fortalecem as identidades e que ela é uma forte contribuinte para a perpetuação dos estereótipos de papéis e também de suas transformações e evoluções. Nesse sentido é fundamental a importância da escola não só para o desenvolvimento cognitivo da criança como também para o afetivo, moral e comportamental, como também o é o papel desempenhado pelas professoras na estruturação das bases da construção social da subjetividade e do processo de desenvolvimento infantil como um todo.

Crianças e os jovens vêm à escola a fim de adquirir os conhecimentos que integram o patrimônio da cultura social, desenvolver valores e habilidades que os levem a atuar no exercício da cidadania. Já a escola tem como um dos seus objetivos magnos o desenvolvimento de atitudes face aos grandes problemas do mundo moderno e aos seus paradoxos. Essas crianças ou jovens, na escola atual, assumem as funções iguais à de alguém que busca e se vê face à formulação e análise de hipóteses, à pesquisa de novos conhecimentos e à procura de solução para situações problema e a realização de aspirações situadas nos vários momentos da estrutura escolar. (Vianna, 2003)

Dada a importância social dessas questões é importante indagar como está se construindo a identidade de gênero em nossa sociedade. Qual é o papel da escola neste processo visto que ela é o espaço, por excelência, de interação social da criança e do jovem? Como a escola e as professoras em particular, lidam com as diferenças de gênero entre as crianças dentro da sala de aula? As professoras estão preparadas para educar as crianças observando suas diferenças de gênero? Dentro da qualificação do trabalho das educadoras existe uma perspectiva de gênero? Existe uma consciência de identidade de gênero refletida no comportamento e postura das professoras?

A presente pesquisa busca investigar a influência da escola no processo de construção da identidade de gênero dos alunos da quatro primeiras séries iniciais, através da postura das professoras da rede municipal do município de Aracaju. A partir desse estudo, discutir-se-á o papel das educadoras, como agentes formadores de estereótipos sexuais, de valores e condutas vigentes, em nossa sociedade em relação à identidade sexual esperada e considerada como certa.

A hipótese que norteia a pesquisa é que, a despeito da orientação da Unesco de que o treinamento de gênero para os professores deve ser um pré requisito para a sua qualificação, não

existe uma perspectiva de gênero na formação profissional das professoras que, por conta disso, reproduzem os estereótipos sociais influenciando na construção da identidade das crianças.

2. EDUCAÇÃO E GÊNERO

Cientistas sociais consideram as diferenças de gênero em crianças como frutos de pressões sociais predominantes, inerentes à transmissão de papéis sociais através do reforçamento adulto diferencial e encorajamento de atividades lúdicas diferentes para meninos e meninas (BICHARA, 1994).

Levy, citado por Gomes (1996 a), relacionou a tipificação sexual presente nas brincadeiras de pré-escolares com todo o desenvolvimento posterior da criança. Habilidades cognitivas, afetividade e personalidade social são alguns dos aspectos que este autor relacionou com a questão do entendimento da criança sobre o papel do seu próprio gênero e a sociedade. O estudo sobre os ambientes onde as crianças frequentam, brincam e assimilam valores é fundamental para se compreender a extensão do efeito de assimilação de papéis sociais pela criança.

Na concepção de Siqueira (2003) a escola se constitui um cenário significativamente representativo de uma realidade social mais ampla. Partindo dos pressupostos desses estudos, as cenas presentes no cotidiano escolar são consideradas como metáforas de mecanismos ideológicos de gênero, que ocorrem na sociedade como um todo. Ela a vê como uma caricatura da sociedade por onde passam todas as idéias que uma sociedade quer transmitir para conservar, tudo aquilo em que se acredita ou quer que se acredite. Na opinião de Guacira Lopes Louro (1997) a escola entende muito bem do tema diferenças, pois na verdade ela a reproduz o tempo todo, ela se incumbiu de separar os sujeitos que tinham acesso a ela dos que não tinham, dentro dela dividiu os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. Separou adultos de crianças, católicos de protestantes, meninos de meninas, se fez diferente para os ricos e para os pobres. Ela delimita espaços, informa o lugar do grande e do pequeno, até seus prédios informam a todos a sua razão de existir. De acordo com Louro, os antigos manuais ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos, nesses manuais, a postura reta transcendia a mera disposição física dos membros, cabeça ou tronco: ela devia ser um indicativo do caráter e das virtudes do educando. As escolas femininas dedicavam repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens "prendadas", capazes dos mais delicados trabalhos de agulha ou de pintura.

Neste contexto Brabo (2000) acredita que a escola pode exercer um papel importante desde que as mulheres que lá atuam diretoras, coordenadoras e principalmente como professoras sejam conscientes da importância destas questões de gênero para a sua própria formação, pois a escola é o ambiente favorável e adequado à reflexão e questionamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os sexos, desde os primeiros anos de vida.

No que tange este pensamento encontramos em Montserrat Moreno a argumentação de que ao ingressar na escola meninos e meninas já trazem consigo qual é sua identidade sexual e qual o papel que lhe corresponde, ainda que não lhe seja muito claro o significado desses conceitos, entretanto é a escola que colaborará eficazmente no esclarecimento conceitual do significado do ser menina e fará o mesmo com o menino, não de uma maneira explícita, mas dissimulada, implícita ou com a certeza arrogante daquilo que, por ser tão evidente, não necessita sequer ser mencionado nem muito menos explicado. Para esta autora a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas, aquelas que marginalizam a mulher e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria.

Ainda segundo esta autora, a cultura e a ideologia são fatores que historicamente condicionam o papel da mulher na sociedade e são transmitidos por meio da socialização informal. Tendo tal processo continuidade na socialização formal na escola, sendo então decisivo na construção da identidade de ambos os sexos, em especial afetará negativamente a identidade feminina.

Observa-se assim que é fundamental a compreensão de como se dá a formação da identidade. De acordo com Habermas:

A identidade é gerada pela socialização, ou seja, vai se processando à medida que o sujeito- apropriando-se dos processos simbólicos- integra-se antes de tudo, num certo sistema social, ao passo que, mais tarde, ela é garantida e desenvolvida pela individualização, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais. (apud CRUZ, 1997:37.)

A esse respeito Sabat (2001) argumenta que a teoria social contemporânea tem discutido a identidade em termos culturais, ou seja, que sua constituição é compreendida a partir de uma perspectiva na qual importam momentos determinados histórica e culturalmente, que constituem identidades não definidas nem universais. As identidades culturais não são dadas a priori, não são preexistentes ao sujeito elas se constituem no processo de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. Para esta autora a questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças. Emerge enquanto grupos sociais não se reconhecem como iguais.

Para Cruz (1999) a identidade sexual e a relação entre os sexos são construções sociais que se cristalizam em torno de diferenças biológicas e variam no decorrer da história.

A educação escolar é fator fundamental no processo de socialização humana, instrumento de construção da cidadania e determinante na forma como os conteúdos sociais serão absorvidos pela criança.

Segundo Saviani (2003)

Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (p.13)

Sendo que é através do trabalho da professora que podemos observar a interferência produzida no comportamento e na formação da personalidade das crianças mais diretamente. Ao reproduzir os padrões existentes na sociedade a escola colabora para a manutenção das relações sociais, ao modificar estes padrões contribui para evoluir estas relações. Para Reigota, (2002) a escola tem sido historicamente o espaço indicado para a discussão e o aprendizado de vários temas urgentes e de atualidade como resultado de sua importância na formação dos cidadãos. Ele considera evidente que a escola deve estar sempre aberta ao conhecimento, inquietações e propostas de sua época, procurando consolidar inovações pedagógicas que contribuem para continuar cumprindo seu papel social. A esse respeito, diz ainda que a escola é um centro de questionamento e produção de alternativas sociais, políticas e culturais mais sintonizadas com o seu tempo.

Observamos neste contexto que a escola se constitui um cenário muito rico em termo de diversas questões sociais, bem como significativamente representativo de uma realidade social mais ampla, partindo desses pressupostos e com foco nas relações de gênero, as cenas presentes no cotidiano escolar, foram consideradas como metáforas de mecanismos ideológicos de gênero, que ocorrem na sociedade como um todo. A “perspectiva androcêntrica”³ presente na escola, talvez seja uma das expressões mais fortes destes mecanismos, tendo em vista sua manutenção, a despeito da predominância numérica das mulheres no contexto educacional, (Carvalho citado por Pereira (2005) informa que de acordo com um estudo realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), 97,4% dos docentes das quatro primeiras series do ensino fundamental são mulheres (p,155)) e de um ponto de vista mais geral, das conquistas de ordem sócio-econômica alcançadas por elas.(SIQUEIRA, 2003).

Para Monserrat Moreno “a escola é uma caricatura da sociedade, por onde passam, como não passam em nenhum outro lugar, todas as idéias que uma sociedade quer transmitir para

³ Perspectiva que considera o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo. (MORENO, 1999, 23).

conservar, tudo aquilo em que se acredita ou quer que se acredite” (apud SIQUEIRA, 2003:198). Consta que na escola encontram-se verdadeiras armadilhas ideológicas, pela sutileza de seus mecanismos. É dentro dessa lógica que os mecanismos ideológicos de gênero são reforçados no sentido de valorizar os padrões de comportamentos masculinos em detrimento dos comportamentos femininos, com intuito de garantir a manutenção da sociedade patriarcal. Nesse sentido, afirma Moreno, que os professores/ educadores possuem uma “fraca conscientização a respeito dos mecanismos ideológicos de gênero presentes na escola” e nem mesmo parecem ter noção de como eles se articulam com problemas sociais ligados á temática. (Ibdem)

Aparentemente não são somente os professores que demonstram ignorância sobre o tema, em pesquisa realizada com supervisores de ensino de Terezina- PI, ABREU (2003) percebeu que parte destes profissionais desconhecem o termos “Relações de gênero”. Diante de perguntas a respeito do tema houve, por parte dos supervisores, ausência de respostas ou respostas distorcidas, sendo que aqueles profissionais que responderam as questões o fizeram de forma vaga, no sentido mais geral ou fugiram do conceito.

Contudo, segundo o relatório de acompanhamento global da educação “Gênero e educação para todos”, elaborado pela UNESCO em 2003:

Escolas devem ser locais onde estereótipos são combatidos, não reforçados, através de currículos que levam gênero em consideração e através do treinamento profissional dos professores. O treinamento de gênero para os professores deve ser um pré-requisito para a qualificação. (p.38)

Siqueira, (2003) acredita que as questões de gênero devem ser enfrentadas pelos educadores como um desafio.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta de estudo que ora se apresenta constitui-se como uma pesquisa qualitativa. Pesquisa que se preocupa com o estudo do processo e não simplesmente com os resultados do produto.(Trivinos,1987)

A pesquisa qualitativa acolhe diversas correntes, tendo em comum as seguintes características: o pesquisador é parte integrante do processo de conhecimento; reconhece o conhecimento prático dos pesquisados; as principais técnicas são a observação, as entrevistas e a história de vida; e envolve um trabalho de campo com imersão no cotidiano.(Sales, 2005).

Este estudo refere-se, mais precisamente, a um estudo de caso. De acordo com Gil “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência” (GIL, 1999:73). Esse tipo de pesquisa vem ganhando uma maior expressão no campo educacional, com a realização de vários estudos sobre a organização e o cotidiano escolar. Marli André (2005) afirma que uma das vantagens do estudo de caso é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis. No entanto, ela salienta, para conseguir esse intento, o pesquisador necessita investir muito tempo e muitos recursos, seja no planejamento do trabalho, seja na interpretação e no relato dos dados.

Sintetizando idéias de vários autores André (2005) estabelece que o estudo de caso etnográfico em educação deve ser usado quando: (1) há interesse em conhecer uma instancia em particular, (2) pretende-se compreender profundamente essa instancia particular em sua complexidade e totalidade; e (3) busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.

Para coleta de dados serão utilizados dois instrumentos: observação participante em sala de aula e entrevista semi-estruturada a ser realizada com o segmento de professores da escola selecionada para pesquisa empírica.

Segundo Marli André (2005) a observação é chamada participante por que se admite que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-se e sendo afetada por ela.

Ao longo dos anos, a observação tem contribuído, sem sombra de dúvida e sem contestação empiricamente fundamentada, para o desenvolvimento do conhecimento científico, sendo uma técnica metodológica valiosa, especialmente para coletar dados de natureza não verbal, que se referem de forma direta a situações comportamentais típicas. (VIANNA, 2003). Quando ela acontece em sala de aula Vianna acredita que, caso seja feita segundo os princípios definidos pela sua metodologia, pode gerar elementos que esclarecem o ocorrido, mesmo os que são familiares ao professor, pela sua atuação diária em sala, e ao pesquisador por suas atividades específicas. (VIANNA, 2003).

Para este autor a relevância da observação em sala de aula está no fato dela captar as nuances daquilo que, para um pesquisador menos atento pareceria comportamentos mecânicos, vazios, mas que, no entanto estão cheios de significado. Diz ele que o ritual diário em sala de aula é quase sempre repetitivo em alguns dos seus aspectos, mas a sua liturgia, ao envolver alunos e professores, oferece variações que afetam as relações pedagógicas, as estratégias de ensino e as várias abordagens de orientação da aprendizagem.

Ao observar o professor em plena prática pedagógica captamos não apenas seu método de trabalho, mas também as várias dimensões da relação professor-alunos:

A sala de aula, além de rica, é uma área em constante transformação, em que professores e alunos desempenham múltiplos e diferentes papéis.

O ambiente de sala de aula é influenciado pelo comportamento dos alunos, mas é igualmente influenciado pelo próprio professor, sua formação, seus interesses suas personalidade seus conhecimentos e suas predileções, assim como por suas estratégias na solução de diferentes tipos de problema conforme destaca Wragg (1999).

É bom não esquecer que o professor representa os mais diversificados papéis. Além de transmitir conhecimentos, que promovam o desenvolvimento de habilidades específicas geradoras de novas competências, e provocar nos alunos novas atitudes, formar valores e despertar interesses, cabe-lhe, ainda, avaliar todos esses aspectos cognitivos e não cognitivos, na medida do possível. (VIANNA, 2003 p.74-75)

Para Mann (1970) a observação participante é uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles (apud MARCONI e LAKATOS, 2002). Para Dionne e Laville (1999) essa abordagem busca compreender um universo “como ele é” sem compara-lo com outro. O pesquisador mistura-se ao cotidiano do grupo, fazendo sua presença tão discreta quanto possível, compartilhando a vida, as atividades, os comportamentos das pessoas que o compõem. Essa busca objetiva reunir o máximo de dados e essas informações podem ser enriquecidas pelo recurso aos instrumentos mais clássicos como a entrevista, o questionário, a análise de documentos, a depender de como o pesquisador se integrou ao meio. Essa abordagem pode levar a conhecer os meios, inacessíveis de outra maneira, fornecer informações raras e que as pessoas desses meios não forneceriam espontaneamente. A grandeza da informação está no fato de que se encontrem os comportamentos reais, freqüentemente distantes dos comportamentos verbalizados.

A escolha da entrevista semi-estruturada deu-se por ser uma técnica que possibilita a pesquisadora a obtenção dos dados em profundidade, além de oferecer uma “flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significados das perguntas e adapta-se mais facilmente às pessoas e as circunstâncias em que se desenvolve a entrevista” (GIL, op.cit. p.118). Entrevistas semi-estruturadas são séries de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. A flexibilidade deste tipo de entrevista possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo a exploração em profundidade de seus saberes, representações, crenças e valores. (Dionne e Laville, 1999)

Para a realização das entrevistas serão utilizados registros escritos e/ou gravados. No caso de gravador, deverá haver consentimento prévio da entrevistada.

Por último, fase de sistematização e análise dos dados, por meio da análise de conteúdo, possibilita a sistematização e análise dos dados nas várias fases da pesquisa a partir de categorias principais que orientam a compreensão do objeto, fundamentadas à luz do referencial teórico construído ao longo da pesquisa.

4. ALGUNS RESULTADOS PARCIAIS.

O estudo encontra-se em fase exploratória e acontece na unidade de ensino EMEF José Conrado de Araújo, escola da rede municipal localizada no Bairro São Conrado, periferia do município de Aracaju. A unidade possui, lecionando nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, dezessete professoras e um professor, sendo que, desse total, quatorze estão em sala de aula, (todas mulheres) três são professores de educação física, (um homem e duas mulheres) e uma é a professora de ensino religioso. Conta ainda com 1294 alunos matriculados sendo 434 deles distribuídos em 14 turmas de 1a. a 4a série no turno da manhã.

TABELA 1 - Distribuição por sexo das 17 professoras e 01 professor que trabalham com as quatro séries iniciais do ensino fundamental da EMEF Jose Conrado de Araújo.

Sexo	Polivalente	Educação física	Ensino religioso
Mulheres	14	02	01
Homem	----	01	----

A maioria das professoras, 13 (72,2%) possui nível superior, incluindo neste total o único homem da amostra; 02 (11,1%) estão cursando uma faculdade de licenciatura, 01 (5,5%) possui apenas o nível médio e 02 (11,1%) são estagiárias que substituem professoras com mais de 15 anos de serviço na rede municipal de ensino e que se encontram de licença.

TABELA 2 - Grau de escolaridades das 17 professoras e 01 professor que trabalham com as quatro séries iniciais do ensino fundamental da EMEF Jose Conrado de Araújo.

	Pos graduação	Graduação	Cursando superior	Pedagógico	Estagiaria
Mulheres	---	12	02	01	02
Homem	---	01	---	---	---

O universo da pesquisa é composto por 04 professoras do ensino fundamental da rede municipal. Inicialmente são realizados três turnos de observação de quatro horas cada turno, com cada professora totalizando doze horas de observação participante em sala de aula para cada docente. Optou-se por contemplar essa modalidade de ensino, a partir da constatação, através da literatura específica, primeiro de que a partir dos 26 meses crianças já demonstram rotação e identidade de gênero, preferência por brinquedos sexualmente tipificados e percepção de papéis sexualmente adultos; segundo, que há um processo no desenvolvimento no processo de aquisição do papel de gênero, terceiro, que a partir dos 08 anos inicia-se uma fase de abstração onde esse processo, já estabelecido, apresenta feições diferenciadas. (Bichara, 1994).

Também por se tratar de um período caracterizado pela maior convivência entre professor e aluno, onde o professor, também chamado de polivalente é responsável pela sala de aula, passando nela em média quatro horas diárias, o que implica um tipo de relacionamento professor aluno diferente do relacionamento próprio da segunda fase do ensino fundamental, (5a. a 8a. series) em que cada professor ministra uma disciplina, permanecendo quarenta e cinco minutos em cada sala aula. Tendo em vista as peculiaridades do ensino de 1a. a 4a. série, e a conveniência de um estudo com um grupo o mais homogêneo possível, é que optamos por delimitar este estudo ao cotidiano das primeiras séries do ensino fundamental (Azevedo, 1999).

5. APRECIÇÕES CONCLUSIVAS.

Os dados parciais sugerem aspectos que serão aprofundados destacando-se as dimensões qualitativas e quantitativas nas fases posteriores da pesquisa. Não se deve esquecer que o papel das educadoras como agentes formadores de hábitos de gênero, abrange a educação informal, e formal, o trabalho pedagógico psicossomático de nomenclatura, inculcação e incorporação que se inicia no processo de socialização infantil e continua através de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação, no mais das vezes implícitas nas práticas de vários agentes e instituições como a família, a igreja a escola e os meios de comunicação.

* Trabalho apresentado no II Encontro de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

1. ABREU, Jânio Jorge Vieira de. *Como o supervisor de ensino trabalha as relações de gênero nas escolas públicas estaduais de Teresina (PI)?* In CD ROM do XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 10 a 13 de junho de 2003, Educação, Pesquisa e Diversidade Regional. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
2. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
3. ARACAJU, Prefeitura Municipal. *Cadastro Estatístico*. Senso escolar 2005. Secretaria Municipal de Educação. Aracaju, fev.2005.
4. AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. *Concepções que fundamentam a prática de professores alfabetizadores: conhecimento, linguagem e alfabetização – um estudo do cotidiano escolar*. 1999. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 1999.
5. BERALDO, K. E. A. , CARVALHO, A.- *Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina*. In: Psicologia, ciência e profissão, Distrito Federal; CFP, 1993. p. 30-33
6. BICHARA, I. *Um estudo etológico da brincadeira de faz de conta em crianças de 3 a 7 anos*. (tese de doutorado) São Paulo, IPUSP, 1994.
7. BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. “*Formação da professora sob uma perspectiva de gênero*” Educação em revista – Educação e gênero. No 03, Marília, SP: Universidade Estadual Paulista UNESP, 2000. Anual
8. COUTINHO, M. L. R. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
9. CRUZ, M. H. S. *Modernidade e tradição, estudos de caso em indústrias extrativistas*. FAGED – UFBA, 1999.
10. GARCIA, Pedro Bejamim. Paradigmas em crise e a educação. In BRANDÃO, Zaia.(Org.) *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo, Cortez, 2002 (Coleção questões da nossa época; v.35)
11. GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* 1999.
12. GOMES, C. R. *Um estudo sobre a aquisição e o desenvolvimento do papel de gênero em crianças entre dois e oito anos*. (relatório de pesquisa não publicado). Sergipe, UFS, 1996
13. _____. *Um estudo sobre a aquisição e o desenvolvimento do papel de gênero em crianças entre dois e oito anos*. VI encontro de iniciação científica UFS/CNPq: programação e resumo dos trabalhos inscritos – Aracaju: UFS, 1996.
14. LAKATOS, E.M.e MARCONI, M. de A - *Técnicas de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
15. LAVILLE, L. DIONNE, J. *A construção do saber. Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto alegre; Artes médicas: Belo Horizonte; editora de UFMG, 1999.
16. LOURO, Guacira Lopes –*Gênero sexualidade e educação – uma proposta pós estruturalista*. Petrópolis RJ. Vozes, 1997.
17. MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. “Educação, gênero e violência doméstica: cores fortes que entrecem os fios da genealogia e recorrência geracional”. In CARVALHO Maria Eulina Passos de *Gênero e educação*. João Pessoa /UFPB 2003
18. MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: sexismo na escola*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
19. PEREIRA, Marta Regina Alves. *Nas malhas da diferença: nuances de gênero na educação de crianças*. Uberlândia: EDUFU, 2005.
20. REIGOTA, M. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 2002.
21. RIBEIRO Arilda Inês Miranda, “Mulheres educadas na colônia”. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

-
22. SABAT, R. “*Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*”. Revista Estudos feministas, vol. 9, n. 01, 2001.
 23. SALES, Celecina de Maria Veras Sales. Pesquisa qualitativa: Cartografando novos percursos na produção de conhecimento. In DAMASCENO, Maria Nobre. SALES, Celecina de Maria Veras Sales (coordenadoras) *O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa qualitativa*. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p.65 a 86
 24. SANTOS, Boaventura de Sousa *A crítica da razão indolente: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000. v01
 25. _____ *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1996 (Coleção histórias e idéias)
 26. SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. –Campinas, SP: Autores associados, 2003.
 27. SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In *Educação e realidade*. 16(2) julho/ dezembro.1990
 28. SIQUEIRA, M.L.N. “O cenário escolar das relações de gênero” in CARVALHO, M.E.P.P.- *Gênero e educação*- João Pessoa editora Universitária/ UFPB - 2003
 29. STREY, M. N. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis, Vozes, 1998.
 30. TRIVIÑOS, A.N.S.- *Introdução a pesquisa em ciências sociais* – a pesquisa qualitativa em educação. –São Paulo: Atlas, 1987.
 31. VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003. (Série pesquisa em educação, v.5)
 32. WAJSKOP, G. *Brincadeira é coisa seria*. São Paulo: Cortez, 1996.